

Bases atropelam a cúpula

A direção nacional do PT errou ao imaginar que teria o controle de alianças do partido, no segundo turno da eleição presidencial. Enquanto a cúpula petista tenta negociar com partidos e líderes de esquerda em nível nacional, Diretórios Regionais tomam decisões autônomas, de acordo com as políticas locais e, muitas vezes, em consonância com a maioria dos grupos ideológicos nas seções municipais ou estaduais.

Esta nova avaliação da direção do PT, formada, em sua maioria por integrantes do grupo "Articulação", ligado a Lula, foi feita a partir dos episódios do Paraná e da Bahia, principalmente, onde os diretórios petistas vetaram a presença de vários políticos nas alianças que se negociam entre o PT e os demais partidos. Outros casos estão sendo examinados, mas já se sabe, na direção do PT baseada em São Pau-



Carlos Menandro

lo, que militantes do partido em vários municípios e Estados estão levando em conta apenas as políticas locais, onde os adversários estão próximos e mais difíceis de "engolir", em prejuízo da linha de alianças nacionais que a coordenação da campanha de Lula tenta montar a duras penas.

Não há muita coisa que os assessores políticos de Lula possam fazer para evitar posições intransigentes da parte de vários diretórios petistas, com maioria radical de esquerda. A disposição dos coordenadores da campanha é continuar dando condições para que os negociadores do partido, como o deputado Plínio de Arruda Sampaio, possam prosseguir em seu trabalho, em nome de Lula. Mas do meio da semana para cá já chegaram aos ouvidos do candidato, queixas de vários setores políticos moderados, que teriam sido hostilizados por lideranças petistas radicais nos Estados, onde se tentou alinhar acordos para o segundo turno. Em mais de uma ocasião Lula prometeu "segurar os meus radicais", como teria dito, mas não só as queixas aumentaram, como as hostilidades se transformaram em vetos formais, como no caso do Paraná, onde o senador José Richa (PSDB), o prefeito Jaime Lerner (PDT) e o governador Álvaro Dias (PMDB), foram listados como indesejáveis.

Pelo menos para Ulysses Guimarães, no telefonema dado quarta-feira, Lula deixou claro que a disposição dele como deputado e como candidato, é reconhecer que não há saída fora da negociação, a não ser que o PT queira apenas marcar presença no segundo turno da eleição presidencial, como já insi-

nuou Leonel Brizola. Lula está igualmente disposto a promover um entendimento com Brizola amanhã, na reunião marcada para o Rio, mesmo que o ex-governador apresente exigências difíceis de serem negociadas dentro do PT. Apesar das provocações constantes de Brizola, os coordenadores políticos da campanha do PT e o próprio Lula adotaram como linha de comportamento não responder ao ex-governador através da imprensa.

Na tentativa de superar o clima de mal-estar causado pela rigidez ideológica dos grupos radicais do PT em vários Estados, os negociadores do partido de Lula pretendem, agora, mostrar aos possíveis aliados do segundo turno que estão abertos a algumas concessões. Nestas últimas horas o deputado Plínio de Arruda Sampaio tenta, por exemplo, juntar, pacientemente, os cacos das conversações com o PSDB do senador Mario Covas, quebradas pelas hostili-

dades que ofenderam o senador José Richa ao ponto dele classificar o PT como uma "seita". Se o PT vai ou não conseguir firmar suas alianças em bases sólidas ninguém ainda sabe ao certo. O fato é que o partido de Lula está diante de uma situação nova e complexa, tão ou mais importante que o desafio das urnas.